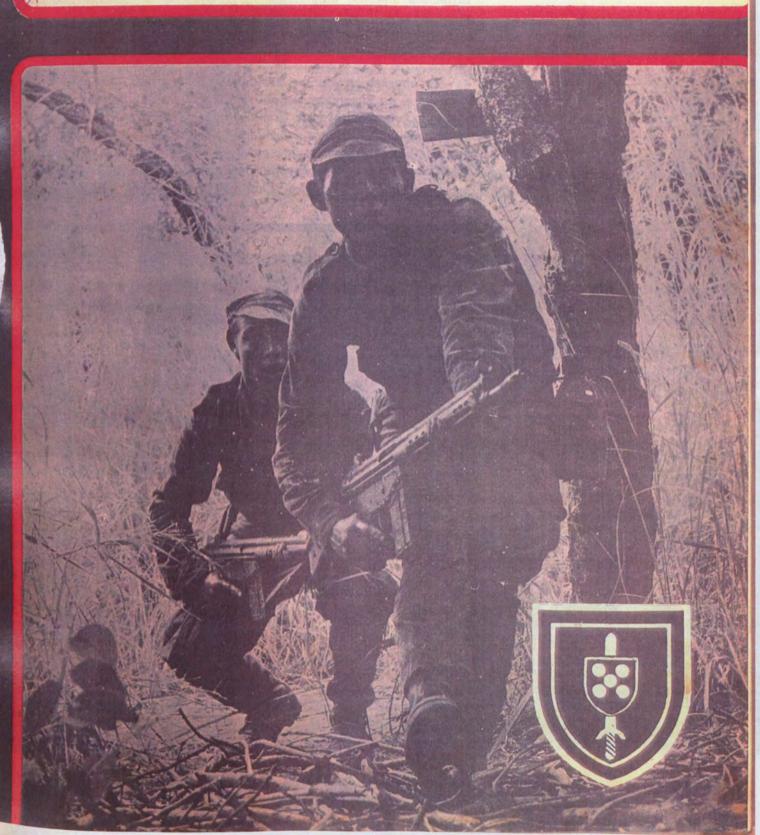
COMANDOS

Director: ANTÓNIO CORREIA DINIS (Coronel de Inf.º «COMANDO») _ ANO I _ MAIO 1973 _ N.º 2





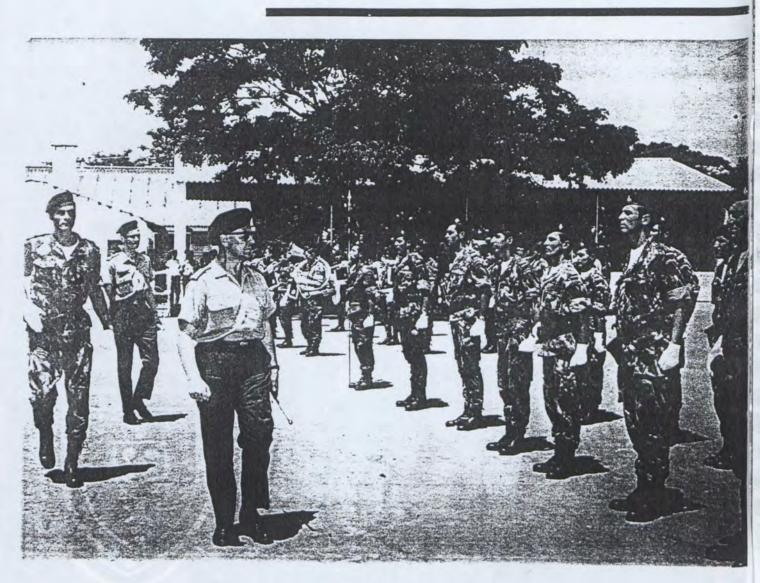
TEMPO DE SAUDADE

Três vezes por ano, no mínimo, a cerimónia repete-se. Após quinz semanas de trabalho intenso, de perigos e canseiras, de perseverança sacrifícios, de selecções constantes entre o pessoal, novos homens ganhar direito à insígnia dos Comandos!

A imposição do distintivo é o clímax de um tempo vivido entre incerteza e o medo. Talvez o extâse, após a ansiedade. É contudo um cerimónia simples, despretensiosa, despida de aparatos demasiados, ma plena de significado. Aliás os homens que nela participam são tambér

modestos no ser que não no saber.

Na imagem, vive-se um tempo de Comandos. Trata-se — já lá vã uns anos — do encerramento do 10.º Curso do qual sairam formadas 12.º e a 14.º Companhias de Comandos. O grupo de Oficiais de então, passado em revista. Figuras preponderantes de duas companhias que escriveram páginas bem dramáticas e gloriosas na história da guerra de Angoli Deles haverá sempre uma recordação agradável nesta casa. Dos que patiram e dos que continuaram. Dos que cairam também. De todos, cor saudade!



AGÊNCIA DE VIAGENS

CAMPIÃO

Avenida dos Combatentes, 114
Teleione 23048 - LUANDA

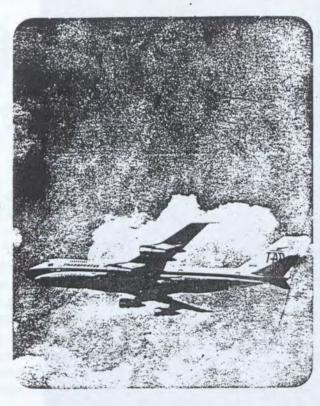




Foto Filme Fotografia a cores e a preto e branco

LABORATÓRIO ELECTRÓNICO TOTALMENTE AUTOMÁTICO o melhor do Estado de Angola

Caixa Postal, 2.146 - LUANDA

UM COMANDO EM FOCO



Que os heróis não se fazem, já todo o mundo sabe. Mas como eles acontecem é que, nas mais das vezes, não se percebe bem. Normalmente, um conjunto de circunstâncias pouco agradáveis determina que um indivíduo perca as estribeiras e se evidencie na consecução de um acto que, em condições normais, talvez não josse capaz de concretizar. Mas herói hoje não pode ter de forma alguma o significado tradicional do «herói por súa dama». Num mundo decididamente virado para o individualismo, herói até pode parecer ridículo. Todavia, sem atingir tais foros, herói actualmente não é mais que o indivíduo que se bate determinadamente por uma causa e com consciência do que lhe pode suceder.

Isaías Pires enquadra-se perfeitamente no útlimo parâmetro. Talvez não seja uma pessoa celebrizada por feitos de guerra, talvez não seja ainda uma lenda. Contudo a Nação já, por mais de uma vez, lhe mostrou gra-

Há poucos dias, Isaías Pires, era um Primeiro-Sargento «COMAN-DO. Súbito aparece no posto de Alferes, com a antiguidade suficiente para ser promovido a Tenente-O pessoal no centro pasmou. Mas pasmou de quê? Dar a César o que lhe pertence é um direito que assiste a César. Eis porque Isaías Pires foi promovido por distincão.

Vindo da tropa normal quando ainda prestava serviço enquadrado numa companhia do, então, Regimento de Infantaria de Luanda (hoje, R. 1. 20) frequentou o terceiro curso de Comandos, precisamente o primeiro realizado no centro com sede em Luanda. Foi seu instrutor o Capelão «Comando» Gilberto Santos e Castro que mais tarde viria a comandar o C. I. C. como Tenente-Coronel. O curso duron seis meses. Foi longo, e talvez em demasia, segundo Isaías Pires que acha que os cursos actuais mais curtos, menos violentos, são mais eficientes. Ele próprio como instrutor reconheceu que houve uma evolução extraordinária na instrução. Contudo continua a preferir ser operacional porque é em comhate que se sente realizado como Comando.

Isaías Pires pertenceu à 1.º Companhia de Comandos, e à 19.º C. C. Trabalhou com a 8.º c 6.º C. C. Com um número considerável de operações no pêlo, com bastantes contactos com o IN, nunca foi ferido. Apenas uma onça o atacou enquanto dormia e quase o cegava. As suas marcas sobre a ex-sobrancelha» esquerda notam-se perfeitamente.

Louvado e condecorado já algumas vezes, Isaías Pires é um dos orguilhos dos Comandos. Possui a mais alta condecoração portuguesa: A ORDEM DA TORRE E ESPADA, VALOR, LEALDADE É MÉRITO.—
Uma consequência de feitos em combate.

VITÓRIA DOS COMANDOS

Aproveitando a embalagem de Luanda para Sá da Bandeira, passando por Nova Lisboa, em serviço de selecção de pessoal para os Cursos de Comandos, demos um salto, já no regresso, a Benguela, onde o Dr. Mabilio de Albuquerque (que comigo, o Alferes Lino e Furriel Marciano constituía a equipa de selecção), iria tomar parte no circuito automóvel do Autódromo daquela Cidade, tripulando o seu recémadquirido LOTA T 212.

Na longa viagem de Luanda para Nova Lisboa, e posteriormente para Sá da Bandeira, o circuito era, de tempos a tempos, tema para conversa. O Dr. Mapilio de Albuquerque, comedido nas afirmações que fazia para o «exterior», confessava-nos (a mim e ao Alferes Lino) com toda a convição de que, se a máquina funcionasse normalmente, a vitória não lhe poderia fugir.

E afirmava-o com tal gana que chegamos a Benguela quase com certeza de que o 1.º lugar não nos poderia fugir (o Dr. Mabilio que nos perdoe a aplicação do «nos» mas de tal maneira nos sentimos envolvidos na oceração «estreia do LOLA», que nos consideramos parte integrante dela).

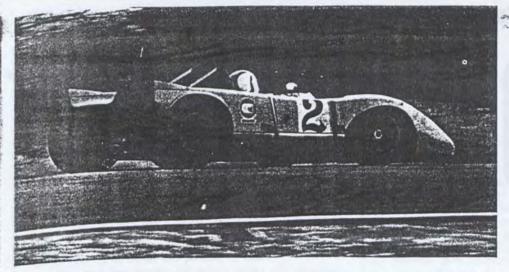
As provas tiveram lugar nos dias 5 e 6 de Maio último, com Consagrados Grupo I no 1.º dia, e Iniciados e Consagrados (Grupos II a V) no segundo.

Henrique Cardão foi o vencedor incontestado da prova, uma vez que, enquanto ela decorria, o Dr. Mabilio de Albuquerque elucidava-me da maneira de trabalhar com os cronómetros, pois seríamos nós a cronometrar a prova do LOLA e a dar ao seu piloot as indicações necessárias, das boxes, no decorrer da mesma.

Tanto eu como o Alferes Lino e o Furriel Marciano estavamos um pouco cépticos quanto ao bom cumprimento da missão, pois não se tratava propriamente de contar os tempos que os candidatos a «Comandos» faziam nas pistas de obstáculos. E nós apenas tinhamos utilizado cronómetros nessa altura.

Chegou entretanto o dia da grande corrida. Os concorrentes Iniciados, que realizaram a sua prova em primeiro lugar, lançaram-se à pista com grande entusiasmo tirando o maior rendimento, dentro das possibilidades dos seus carros, que se iam escalonando, dum modo ge-





ral, segundo as suas potências. Saiu vencedor Pamiés, logo seguido do Neca. E surgiram na pista os bólides da corrida de Consagrados, (grupos II a V). Na primeira linha Mabilio de Albuquerque em Lola (que nos treinos da véspera tinha feito o melhor tempi), Emilio Marta em Ford GT 40 e Waldemar Teixeira em Lotus 62.

Mais atras estavam o Porche 906 de Herculano Areias, o Lotus XXVI de Cardoso Al-bernaz, o Datsun 240 Z de Eurico Almeida, o BMW 2002 SH de Raul Esperto, o Lotus Eu-ropa de Emidio Poiares, o Lância HF de Luis Santos e finalmente o Alfa GTAm de António Peixinho que não havia treinado no dia anterior por deficiência mecânica.

Carros alinhados na grelha, os motores a ron-

car ensurdecedoramente e um elemento da organização a dar indicações aos pilotos do tempo que faltava para a partida; 5 minutos

quatro três - Nesta altura apanhámos, nas boxes, um susto, só possivel em novatos nestas andanças.

É que todos os carros trabalhavam excepto o Lola de Mabilio de Albuquerque. E o tempo ia passando faltam quatro minutos .. faltam faltam e carro nunca mais trabalhava. E eu olhava para o Lino, o Lino olhava para o Marciano, o!havamos uns para os outros. O Verwey (engenheiro Sul Africano que dá assistência aos carros do Club do Autódromo) e um mecânico, de cócoras, com uns cabos na mão. Ainda por cima o Verwey, com uma calma enervante, fazia as coisas devagar enquanto olhava para o cartaz que indicava o tempo que faltava para a partida. Faltam três faltam doisURRA !!! Os roncos do Lola saíam, estridentes (soubemos no fimda corrida que «aquilo» é assim mesmo. Verwey so quer o motor a trabalhar dois manutos antes da partida, para não aquecer. Por isso ele estava tão calmo).

Agora sim. Já podíamos olhar para os carros alinhados na pista. A cada aceleradela do Dr. Mabilio de Albuquerque correspondia um ronco formidável do Lola como que avisando os assistentes doque se iria passar a seguir.

Baixou a bandeira (parece-me que axadrezada) e os bólides arrancaram. O Ford GT 40 primeiro, logo após, o Lola.

António Peixinho não se sabe como (que arranque ...) já estava com os da frente. A primeira curva foi dada assim, com o GT 40 na dianteira, o Lola logo atrás, a GTAm a galgar terreno.

Preparamo-nos para as primeiras marcações de tempo. Os roncos dos motores aproximavam--se, e ei-los na curva que antecede a meta de chegada. O Lola, nervoso e rápido já era o primeiro. O GT 40 seguia-lhe na peugada. António Peixinho da a curva em duas rodas, assim a modos que de lado (termos técnicos não é connosco). Bonito. Simplesmente impressionante, Tudo bem para nos.

Nas passagens reguintes o panorama mante-ve-se: Lola cavalgando irresistivelmente, o GT 40 em segundo, António Peixinho a continuar com o seu «show» na GTAm. Infelizmente uma avaria mecânica (ouvi falar em bomba de óleo)

mipeatu-o de continuar. Oma das grandes ali Volta após' volta Mabilio de Albuquerqu afastava-se de Emilio Marta, com regularidade com segurança, irresistivelmente. O destino di

corrida estava marcado. Só um azar poderi: privar o Dr. Mabilio de Albuquerque de sa boroso triunfo.

Nas boxes o movimento, que a princípio er de autêntico formigueiro, foi abrandando tam bém de volta para volta e à medida que o segundos que separavam Mabilio de Marta au mentaram.

Nós iamos dando todas as indicações possi veis ao Lola. Não o fizemos volta a volta comera nossa intenção, porque de vez em quand passavam umas mini-saias que nos faziam es quecer completamente os cronómetros. Entre tanto Mabilio de Albuquerque passava e lá : ia o tempo de volta. Mas mesmo assim o nos so trabalho caminhava sem margem para gran des reparos, e já mesmo para o fim, quando Dr. Mabilio tinha dado uma confortável volt de avanço a Marta, permitimo-nos, tanto o como o Alferes Lino, fazer «flores» com o cronómetros, com marcações e experiências es quisitas, contagens ao contrário, etc., (não no peçam para explicar).

O percurso (40 voltas) estava prestes a ter minar, e não podia haver dúvidas quanto a vencedor. Ao baixar a bandeira (parece-me qu de novo axadrezada), Mabilio de Albuquerqu sagrou-se vencedor absoluto do Circuito Ani versário da cidade de Benguela. Tinhamo-no estreado, nas boxes, com uma vitória. A ocasia era de verdadeira satisfação. Demonstravamo -lo nós (tinha sido o médico dos «Comandos o vencedor), António Peixinho, o Dr. Pinto d Verwey, Mabilio de Albuquerque Fonseca, o evidentemente.

A subida ao podium, a coroa de louros, beijo da vitória, o ambiente saudável de des portivismo entre todos os concorrentes, foi fim da festa. E festa foi, na realidade. Doi dias de desporto automóvel de que a marav lhosa Bengue'a e o Clube organizador se noder orgulhar. Merecedores de sinceros parabéns. Me recedores de votos de confiança e de incentivo para continuar.

Pelo nosso lado, antes de dar a classificaçã da prova mais importante, agradecemos as faci lidades concedidas, por parte da organização aos autores destas despretenciosas linhas. Com preensão absoluta foi palavra de ordem. E du rante muito tempo ficar-nos-á bem fixa a sa tisfação que nos deu assistir às corridas do Cir cuito Aniversário da Cidade de Benguela.

E os nossos parabéns ao Alferes Médico do «Comandos», Dr. Mabilio Agostini de Albu querque.

CLASSIFICAÇÃO (CONSAGRADOS GRUPO 41 A V)

1.º - Mabilio de Albuquerque -Lola T 212

2.º - Emilio Marta - Ford GT 40.

3.º - Waldemar Teixeira - Lotus 62.

4.º - Herculano Areias - Porsche 906.

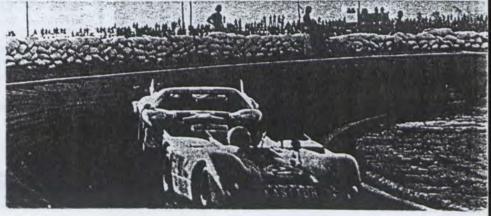
5.º - Cardoso Albernaz - Lotus XXVL 6.º - Eurico Almeida - Datsun 240 Z.

7.º - Luis Santos - Lância HF.

8.º - Raul Esperto - BMW 2002 SH.

A Volta mais rápida pertenceu a Mabilio de Albuquerque, à média de 148,778 km/h.







automóveis de aluguer sem condutor

TELEFONES:
Largo D. Fernando, 1-2 22722/3-23312
Caixa Postal, 680 LUANDA - Angola

CATONHO TONHO COMERCIAL, S.A.R.L. ARMAZENISTAS

IMPORTAÇÃO EXPORTAÇÃO

Completo sortido de mercadorias nacionais e estrangeiras

Caixa Postal, 119
Telefone 2 32 34
Telegramas:
CATONHOTONHO

Rua Direita de Luanda,34-36 LUANDA-ANGOLA

ARTES E LETRAS - ARTES E LETRAS

A LEBRE, O VEADO E O CÁGADO

A Lebre tinha um grande rebanho de cabras mas que não tinham cabritos por lhe faltar um bode. Por isso, a Lebre resolveu ir a casa do seu compadre Veado para que lhe empres tasse um dos do seu rebanho. Chegada lá, disse ao que ia e que, caso lhe fosse feito o empréstimo ela pagaria o que se ajustasse. O Veado concordou em lhe emprestar o bode na condição de lhe dar uma cabrita em pagamento quando os filhos nascessem.

Passados meses a lebre foi levar ao veado a cabrica do ajuste e entregar o bode. Mas o Veado recusou-se a aceitar a cabrita parque, dizia ele, tinha feito mau negócio porque não tinha pensado bem e que só aceitava toda a criação nascida do bode

porque sem ele as cabras não podiam ter crias.

Armou-se uma grande discussão e, como não chegassem a acordo, levaram a questão para o tribunal dos animais selvagens. O Veado levou alguns amigos como testemunhas enquanto que a Lebre convidou apenas o seu compadre e amigo Cágado, na sua qualidade de advogado.

Estavam todos presentes à hora marcada, faltando apenas o Cágado. Tanto esperaram que resolveram ir-se embora. Quando já iam a caminho, viram chegar o Cágado todo esbaforido. O Veado, assim que ele se aproximou, disse-lhe todo

— Amigo! Se não tens pernas para andar como os outros, bem poderias ter saído de casa mais cedo para chegares a horas!

— Ai meu amigo! Deixe-me aqui! Nem calcula a grande aflição em que me vi esta noite! Imagine que o meu pai esteve toda noite com dores de parto sem conseguir parir e...

- Essa agora, exclamaram todos muito admirados. Onde

è que se viu um cágado macho parir?

zangado:

— Ai er Então se um cágado macho não pode parir cocomo éque um bode parir um rebanho como quer o amigo Veado que assim seja?

Pintura de José de Guimarães. um oficial do Exército Português que é também um grande artista plástico. Convidado recentemente para expôr em Lisbou, na Gale ria Dinastia, José de Guimarães deve seguir para a capital portuguesa nos princípios da próxima temporada artistica, tendo já prepurado a maior parte dos trabalhos que ali vai apresentar

 Mas as cabras sem o bode não podiam ter filhos... — disse o Veado já assustado com a justeza do argumento.

— Phis pela mesma razão o bode também não pode ter filhos sem ter cabras. E como é que tu queres ter logo um rebanho de cabritos só porque emprestaste o bode? O que é justo é justo.

— A Lebre paga o que ajustou como paga e fica rudo arrumado. E continuou: — Se eu pagar a um trabalhador para me fazer a minha lavra, ele tem o direito de me exigir no fim da colheita tudo o que ela produziu:

Ouvindo as palavras sensatas do Cágado todos concordaram e, depoís de feito o pegamento à vista de todos, cada um recolheu a sua casa.

(Lenda do Builundo recolhida por Júlio Dismantino de Moura) Desenho à pena de Melo e Cunha, oficial da Armada que desde longa data se dedica a trabalhos de pintura, nomeadamente aguarelas e desenhos. Este trabalho esteve exposto recentemente no Salão de Exposições do CITA, onde aquele artista obteve grande sucesso, pois logo no primeiro dia foi tudo aquirido para colecções particulares



NARRATIVA DA TUA DESCOBERTA

As palavras eram um rio de nuvens e os teus braços desafiavam o espaço na janela sim os teus braços eram vida na paisagem sim os teus braços denunciavam um vale um avião uma avenida

sim os teus braços penetravam-me o cérebro as veias e a voz

Do abismo dos teus olhos (de manhā sugeriam uma cidade nuclear esculpida nas crateras de um planeta distante) sobressaía um cabaz de cerejas

que atirávamos aos transeuntes apressados enquanto estudávamos o entardecer

Pois bem

queríamos um d'álogo de gestos e as paredes amarelas recebiam as sombras dos teus [seios novos

os teus braços eram vida na paisagem os teus olhos transportavam-se a um planeta longínquo (de tarde sugeriam uma cidade nuclear encravada nas crateras de um planeta estranho)

Surgia a noite apregoando formas nocturnas no teu corpo com reflexos de néon quando alguns acordes de viola nos transportaram à rua Agora era importante investigar a experiência de cada [esquina

a estratégica de cada praça em relação ao espaço ur-

era indispensável descobrir-te agora sim era indispensável descobrir-te em cada rua em cada bar em cada rosto anónimo

JOÃO SERRA

QUENT FAZ FILMES DE COW-BOYS?

·Reportagem da Enciclopédia "ABRIL"

"Haverá coisa mais linda que o plano geral de um homem num cavalo, cavalgando livremente pelas planícies?" Com essa pergunta, o diretor de cinema John Ford respondeu, certa ocasião, aos que queriam saber o que mais lhe tocava a sensibilidade em seus próprios filmes. Ficou claro, então, que a preferência do cineasta pelos planos gerais e pelos planos americanos (mais eficientes para a ação) era motivada sobretudo pelo amor aos grandes espaços abertos. Daí a ação da maioria de seus filmes desenrolar-se nas vastas planícies do oeste americano, para cuja mitologia contribuiu decisivamente desde sua primeira película, The Tornado, um western realizado em 1917.

Patriota, aponuco, liberal

Filho de irlandeses, John Ford nasceu em Portland, Estados Unidos, em 1895, com o nome de Sean Aloysius O'Fearna. É tido como um des melhores exemplos de diretor cinematográfico enquadrado no sistema hollywoodiano de produção. Em seu caso, porém, êsse enquadramento não significa mediocridade, mas um curioso estilo pessoal, a ponto de muitos críticos se referirem a êle como um dos melhores artesãos do cinema.

Desde a estréia, no cinema mudo, até 1971, John Ford dirigiu 132 filmes para as principais produtoras norte-americanas: Universal, Fox, MGM, United Artists, RKO, Warner, Republic. Isso significa que é êle um dos cineastas mais adequados à realização dos produtos vendidos por Hollywood*. Mas isso não quer dizer que sempre tenha havido perfeita harmonia entre o sistema industrial e sua

direção: John Ford foi obrigado a trabalhar às vêzes com argumentos que não escolheu e que tentou modificar na fase do roteiro, o que quase sempre gerou uma série de atritos. Talvez êsse seja o motivo de sua manifesta aversão aos executives, que considera "capangas" dos produtores; por isso, Ford procura filmar de tal modo que o montador não consiga modificar muito suas intenções. E para iter maior liberdade chegou a fundar, em sua carreira, as firmas: Argosy e John Ford Productions.

Esse tipo de relacionamento com o sistema possibilitou a John Ford elaborar — espontâneamente, e não por imposição — um universo bastante próprio, que se acha em paz com as estruturas. Assim, êle pode ser considerado um velho liberal (de acôrdo com os grandes princípios humanitários da democracia americana). Mais de uma vez, o diretor declarou: "Gosto da América, sou apolítico e liberal".

Ideal do herói: servir

As fitas de John Ford narram frequentemente a estória de um grupo, imigrante ou americano, que se desloca para o oeste, à procura de lugar onde possa se estabelecer e ser feliz. Lá, os componentes do grupo semeiam e colhem. E com o árduo trabalho erguem a pequena sociedade sôbre a qual, mais tarde, reinarão as leis para uma vida harmoniosa. As personagens se definem pelo que fazem e não pelo que dizem, e seus problemas pessoais estão diretamente relacionados com os da comunidade.

O herói tipicamente fordiano é um homem forte, tranquilo, porta-voz da comunidade, cujo ideal é estar a ser-



Wayne. No entanto, o diretor se esquece de incluir também y nos atôres que atravessam pe de dificuldade em suas carreira sim, em papéis secundários estár pre presentes velhos e conhecid mes como os de Mae Marsch tor Mc Laglen, Ward Bond & Pannick.

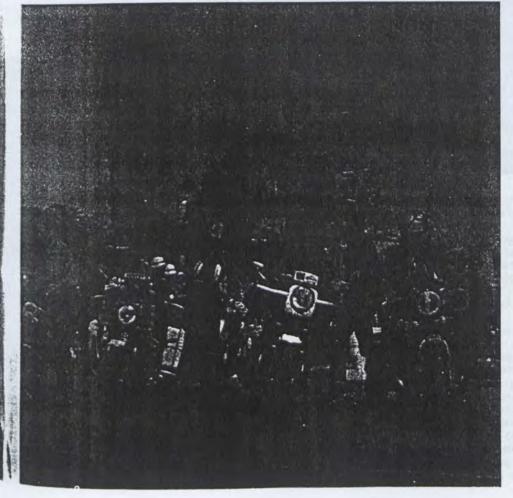
Muitas vêzes, John Ford fi seus filmes a apologia democ à moda de Roosevelt*, e isso o a realizar, durante a Segunda* ra Mundial, dramas carregad um nacionalismo primário. M linha do New* Deal, o grupo e que tanto gostava de retratar ti se uma família de fazendeiro terra à procura de emprêgo nas tações da Califórnia, resultand um de seus melhores filmes: Inhas da Ira (The Grapes of V 1940), baseado no premiado roi de mesmo título, de John Stein

Embora nascido nos Estados dos, John Ford comportou-se zes como o imigrante que soptado pela América: vez ou a nostalgia fêz com que abando o ceste para filmar na terra de pais, a Irlanda, como por ocasi O Delator (The Informer, 1935 Depois do Vendaval (The Quiet 1952).

Detentor de quatro prêmios (1936, 1940, 1941 e 1952), set mes mais conhecidos são: O De No Tempo das Diligências (coach, 1939); As Vinhas da Ira mo Era Verde o meu Vale Green Was my Valley, 1941); da do Tabaco (Tobacco Road, Paixão dos Fortes (My Darling mentine, 1946); O Fugitivo (Th gitive, 1947); Forte Apache Apache, 1948); Rio Grande







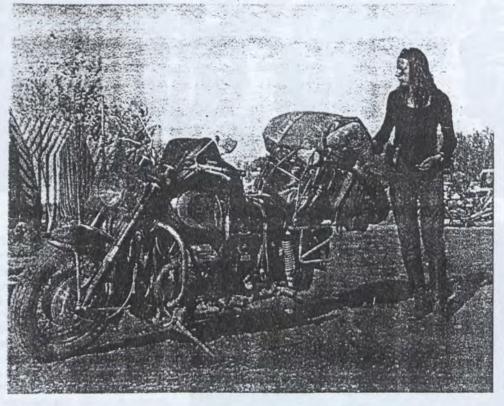
Não discuto o gosto dos que vão passar suas férias na Rivlera Francesa ou em Ibiza, para se bronzear no sol do Mediterrâneo. Também admito que muitos prefiram as montanhas cobertas de neve, um safari em Quênia ou um acampamento na Floresta Negra. Eu e meus amigos escolhemos algo mais excitante, como montar numa motocicleta em Paris e seguir até o Afeganistão. A idéia entusiasmou um grande número de jovens e então organizamos a viagem por etapas. Belgrado, Istambul, Erzerum e Isfahan, no Irã.

De lá, iriamos diretamente a Kabul. Excetuando estas paradas obrigatórias, com tempo marcado de chegada e partida, o itinerário não era previsto. Cada um podia escolher os próprios caminhos. A primeira fase, de Paris a Belgrado, deveria ser feita em três dias, o que nos pareceu muito tempo, para um trecho de 1.863 quilômetros. Mas logo na primeira noite, quando chegamos a Munique. nossas ilusões desapareceram. Eu, por exemplo, mal podia mexer o dedo da mão que acionava e engatava o motor. Vários acidentes aconteceram nesta etapa.

mos aeserios e nas montanhas, homens e máquinas se completavam para vencer as distâncias. A paisagem, quase sempre árida, às vezes apresentava um maravilhoso espetáculo natural

atanio costeano o iviai ivegio e a viagem foi realmente um inferno. Levamos quase treze horas para percorrer um trecho de 350 quilômetros, numa estrada que começava em terra batida e terminava num lamaçal. Passamos por dois desfiladeiros de mais de três mil metros de altura, sob chuva e neblina. Para cúmulo do azar, quando escureceu, um companheiro ficou sem gasolina. Dei a ele um pouco da nossa reserva e mai conseguimes chegar a uma aldeia onde, por sorte, encontramos um posto abandonado. Sugamos o que foi possível e seguimos para Erzerum, sob chuva torrencial. Viajamos onze horas seguidas, até encontrar o sol novamente.

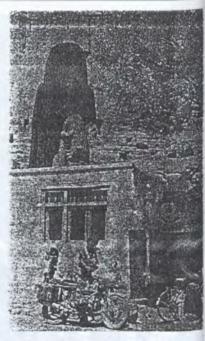
No Irã a situação melhorou porque as estradas estavam boas. Ficamos tentados a fazer um pouco de



M de meus amigos tropeçou sobre o proprio capacete, na hora de botar gasolina e quebrou a clavícula. A única mulher do grupo arrebentou sua moto numa curva, nos Alpes. Um outro voou por uma encosta abaixo, depois de chocar-se com um burro de carga. O percurso de Belgrado até a fronteira turca foi feito sem maiores problemas, apesar da chuva torrencial que nos molhou até os ossos. Em Istambul tiramos dois dias de descanso para reparos e tomamos um bom banho turco, que nos fez esquecer as dores nas mãos e nos músculos. No dia seguinte percorremos mil quilômetros até Sivas, a última cidade antes do assim chamado "inferno turco". Fomos advertidos de que seria impossível percorrer os 550 guilômetros restantes num só

turismo extra. Passamos um uia a mais em Teera e escolhemos os caminhos mais curtos, porém mais perigosos, que passavam pela cidade santa de Qom e pelos desertos salinos. A temperatura, em alguns lugares, chegava a 58 graus à sombra. Fizemos pausas frequentes para tomar chá tschai, no idioma local. Depois subimos cem quilômetros pelas montanhas através de atalhos onde encontramos pedras, areia e muita poeira. Chegamos a Isfahan e foi lá que sofri meu primeiro acidente exatamente na garagem do hotel. A subida era íngreme e o freio da mão não aguentou. Rolei para trás e fui jogado contra a parede.

E M Isfahan éramos doze esportistas preparando-se para continuar a viagem, até Kabul. Consertamos as instalações elétricas, apertamos os



ficaram prontas para a partida. Viajamos bem até o Mar Cáspio. Depois de um dia de banho de m prosseguimos até Neishabur. Visita uma mina, e na continuação da viagem por duas vezes caí do selim devido aos buracos na areia. Dois faróis ficaram destruídos. Em Meshi a Meca persa, gastamos duas horas na cidade a fim de encontrar vidros para o farol. Uma jovem que acompanhava de carro teve então curiosa experiência. No alto da montanha, pediram-lhe que desse carona até o hospital mais próximo a um garoto gravemente ferido. O prefeito local foi junto,

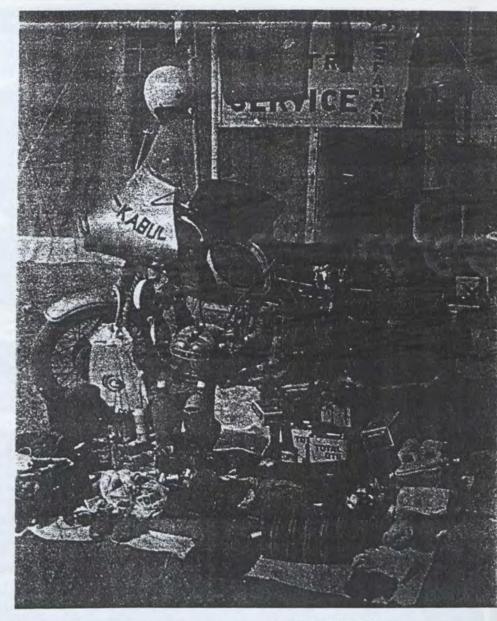


A viagem até Kabul foi difícil e cansativa. Muitos desistiram no meio do caminho. Os que chegaram lá provaram o gosto da vitória sobre a natureza. Mas voltaram com um sentimento: saudade

acompanhando o menino. De repente, um bezerro de um rebanho que estava pastando se lançou contra o carro e foi abatido a tiros pelo prefeito. No mesmo instante surgiram alguns nomades que colocaram uma faca na garganta do homem. E só largaram quando conseguiram uma boa soma em dinheiro.

N A fronteira do Afeganistão tivemos de esperar cinco horas de que lossem atendidos todas as xigências alfandegárias. Então nos eram uma escolta policial que os acompanhou durante 125 quilômetros, até o distante Herat, para os proteger contra os haming que costumam assaltar os turistas noite. Por fim chegamos a Kabul, inde aproveitamos para fazer im reparo total no motor. Mas na rerdade a viagem não terminava ali. rosseguimos em direção à zona nontanhosa de Nuristan, na pior trada que encontramos pela frente. o 560 quilômetros sem asfalto.



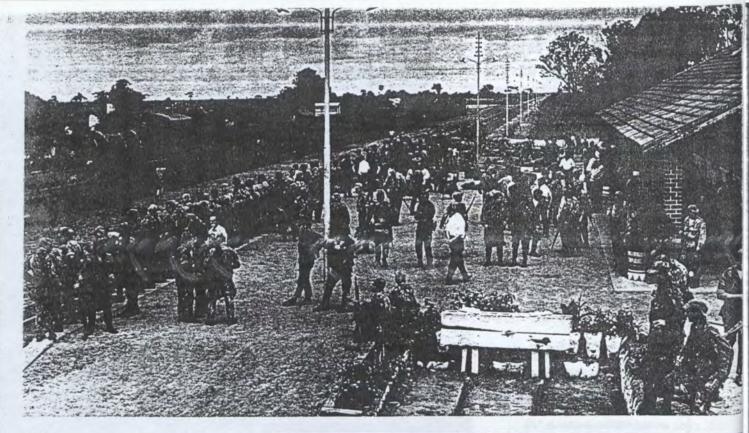


Os desfiladeiros de mais de quatro mil metros têm rampas que só podem ser vencidas por veículos de três rodas. Penhascos, grandes buracos na areia, traiçoeiros córregos de água são obstáculos naturais aos quais se somam os rebanhos de cabras e de animais de carga que fecham as estradas. Finalmente chegamos a Band-i-Amir, praticamente o fim do mundo. Voltamos para Kabul. Mal deu para chegar, porque as motos estavam todas arrebentadas. Por sorte, não há nada que não possa ser consertado em Kabul. Os mecânicos orientais são verdadeiros mestres neste assunto e improvisaram uma reparação em regra nas máquinas. Finalmente, retomamos as etapas de volta.

NO primeiro dia rodamos 1.092 quilômetros até Herat, no segundo atravessamos a fronteira até Neishabur, onde tomamos chá com o chefe de polícia. E na terceira e última etapa, que ia de Neishabur até Teerã, fizemos a maior bobagem de todo o percurso:

de conhecidos. Disseram-nos que o trecho ao longo dos grandes desertos salinos estava em melhores condições, mas na realidade encontramos muitas obras, um calor insuportável e apenas quatro postos de gasolina em 800 quilômetros. Em Teera, despachamos as motocicletas, ou o que restava delas, e voltamos de avião. Quando novamente vi minha moto em Paris, fui tomado de um sentimento de saudade. A máquina nos servira com grande fidelidade durante 13.875 quilômetros — muitas vezes em estradas que não seriam vistas na Europa Central nem em provas de terreno. Lá estava ela, suja, arrebentada, mas estava lá. De alguma forma eu me senti feliz.





Seu nome era...

«FILHO

DO POVO»

REPORTAGEM DE FERNANDO FARINHA

Esta reportagem é dedicada especialmente aos novos «comandos», a todos aqueles que mercê do seu esforço e da sua vontade conseguiram ser apurados e servem agora como «comandos».

Falo do «Sirôco», o tal ventinho do deserto que todos anos sopra

no leste de Angola para descontentamento do MPLA.

É o «Sirôco» que a maioria provàvelmente já está conhecendo ... Mas ouviram falar como foram os outros «sirôcos»? Houve um, então, que o vento soprou de tal forma ...

«Filho do povo» era o seu nome de guerra. Domingos Carlos o de baptismo. Ele ia a enterrar.

Acompanhavam-no à cova, anónima, em chão não sagrado, na imensidão da chana, outros «chefes» vindos expressamente para a cerimónia do óbito tradicional. Nomes de prestígio: o «Basta», comissário político de uma das «zonas» de subversão, o «Unido», especialista em minas e armadilhas, «Jekula Meso», encarregado de tentar a luta urbana em alguns centros populacionais do Leste, entre outros de somenos importância. Iam a enterrar o «Filho do Povo» e também eles já estavam mortos.

Em volta da campa rasa, o corpo já descido, ficaram-se os «chefes» e por detrás parte dos seus grupos armados; por fim, mais distante, um último círculo, de populares. O «Basta» sub u ao montículo de terra fresca, ergueu a mão a pedir silêncio e disse:

— A morte ocasional de um chefe não esmorecerá pela certa, a nossa vontade de continuar a luta contra os imperialistas. Isso pelo menos ficamos a dever-lhe, ao «Filho do Povo». A prelecção continuou, nos melhor moldes de doutrinação política, apredidos nas escolas de subversão de Mocovo, que frequentara. Todos quantali estavam tinham vindo a enterrar chefe guerrilheiro morto.

Dois dias antes. Uma força de o mandos, integrada numa operação mu mais vasta, aproxima-se silenciosame te e cerca um «acampamento». A espe prolonga-se, porque a madrugada ain tarda. Os olhos cansam de vigiar a curidão da noite. As mãos suam nas o ronhas das «G-3», prontas a abrir fog A aurora surge dando início ao «golp de mão. Sete eram eles, os que cairal O «Filho do Povo» e parte da sua se ção, o «Sangue do Povo». Homens b tidos no combate, endurecidos pela s bressaltada vida do «bate e foge», que se resume o terrorismo, no Lest

O combate desencadeou-se breve áspero. Ao fim «Filho do Povo» e a guns outros aprendiam da maneira ma dura, aquilo que ao fim e ao cabo é guerra que se faz a quem nos faz

guerra. Morreram.

Os COMANDOS deixaram os cadàeres no campo da luta. Apenas lhes learam as armas e os documentos, que
nesmo na mata e na ilegalidade, os doumentos são precisos. Eles revelaram
s identidades dos que naquele dia salaram as contas, pendentes desde há
inco anos, que há tantos começou, paa o MPLA, a guerra no Leste.

O Basta calou-se e ninguém bateu palmas. Não se batem palmas no enterro de um «chefe» e «Filho do Povo», de seu nome Domingos Carlos, já não era «chefe» não era nada, era um morto. Abria-se para todos os presentes a perspectiva agradável de um almoço frugal regado a cachipemba. Para os «chefes» talvez houvesse aguardente.

A guerra tem destas coisas. Num dia, que chega sempre, ultrapassa-se o limite. Um passo mais alám do risco. Uma ousadia mais, além das já cometidas. E escoa-se a taça da Sorte e chega um tiro. Assim foi também para o «Filho do Povo» que estivera na Bulgária a aprender a matar com outra ciência do que a ciência do caçador. E aprendera bem. Tão bem que fora promovido, ainda há dias, para o cargo de «encarregado de assuntos políticos». Não chegou a ocupá-lo, efectivamente. Os outros, seus camaradas chamar-lhe-ão, talvez, como o Basta, um herói abatido. É preciso é dar aos homens uma ideia grande, uma ideia de força e fazê-los

combater por ela, mesmo queseja mentira. Para nós, Domingos Carlos foi apenas um entre os muitos que escolheram o caminho errado. E que pagou por isso. Porque nós também lutamos por uma ideia grande, uma ideia força, a de uma Angola onde cabem todos. E também morremos.

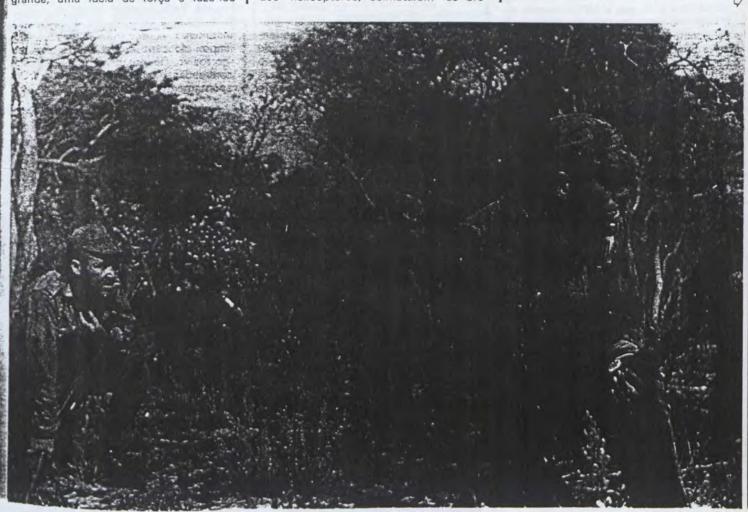
Raras vezes o inimigo terá assistido ao elogio fúnebre do inimigo abatido. Desta vez aconteceu. Uma força de CO-MANDOS que viera substituir aquela outra cujas espingardas tinham ditado essa cerimónia, rodeava por completo aquele circulo que já tinha um morto por centro. Os homens tensos, prontos, não quiseram interromper o discurso Lutar sim, mas com boas maneiras, tanto quanto possível. E não custava nada deixar o «chefe» Basta acabar de dizer o que tinha a dizer. De qualquer maneira,já era um cadáver adiado. O fim do discurso marcou o principio da batalha. Ninguém chegou a deitar o primeiro punhado de terra sobre o caixão simples entretecido de ramos de árvores e lianas. Era a vez de falarem as «G-3» nossas e as Kalashnikov, as Simonov, as PM-40 e as 25, as Steyr e até as Mausers ...

Eles bem que tentaram! Mas o P. C. avançado dos COMANDOS estava tão perto que os reforços chegaram depressa e pelo ar. Outros grupos desceram dos helicópteros, colmataram -as bre

chas, reforçaram os pontos fracos do dispositivo, que se transformou, de repente, numa bem oleada máquina de guerra. Ao fim, contaram-se os cadáveres e os prisioneiros. Havia outras onze covas a abrir junto daquela em que Domingos Carlos esperava que o viessem tapar com a terra húmida da chana. O rio, esse, nao deu por nada.

Tudo isto aconteceu durante a operação que os COMANDOS desencadearam, em moldes inéditos, em extensa área do Leste. Os resultados finais foram, sem dúvida, dos mais importantes que se tem conseguido naquela zona. Noventa e um mortos, trinta feridos, 347 prisioneiros, além de perto de quatro centenas de populares que aproveitaram a oportunidade para fugirem ao controle do inimigo. Meia centena de armas automáticas grandes quantidades de minas, detonadores, granadas; cinco milhares de cartuchos; e coisas insólitas como três bidons de gasolina, três motores de pôpa e o atrelado de um

Ao pé do «Filho do Povo» ficaram o Basta e o Unido. O Jekula, Meso, com quatro balas no corpo, fugiu. Chefes importantes. Os feridos foram imediatamente evacuados de heiicóptero para o P. C. avançado e depois para o Luso, que são mais importantes vivos do que mortos. Os prisioneiros, como já acon-





teceu com centenas de outros, dentro em breve serão os melhores guias, os mais prestáveis, os sempre prontos a irem para a mata, que ninguém é enganado e fica calmo quando se lhe mostra o logro em que caiu

Este foi apenas um episódio solto das histórias que, durante alguns meses, dali trouxeram, para contar os COMANDOS. Trouxeram também um ferido em combate, nada de grave, um tiro de raspão na cabeça. Destas histórias a mais chocante é a de que o MPLA lançou, armados, na mata, grupos de crianças de 15 anos. Chama-lhes os «pioneiros». Adolescentes não treinados, que julgam estar a brincar, que só têm, ainda, idade para brincar, mas que morrem a sério. Um deles, uma destas pequenas vítimas, desfez-se em lágrimas quando um capitão «comando» lhe berrou:

- Ou largas isso ou levas uma chapada!

Isso era uma arma. O garoto obedeceu. Está vivo. Outros não tiveram a mesma sorte. A quem imputar a culpa desse sangue inocente ? Estará o M. P. L. A. ,tão falho de homens que já necessita de recorrer aos garotos para empunharem as armas que lhe são fornecidas, abundantemente, pelos países comunistas? Como quer dar prosseguimento à luta no Leste, se os seus principais, «chefes» como o «Bimba» - comandante do quartel ! «Rússia», já antigo nestas lides - o «Ainda Vem», chefe de grupo, «N' Owa», o caçador e tantos outros acabaram, agora, em definitivo, a «carre ra» do terror smo? Também estes três homens, de prestígio foram abatidos durante esta ofensiva dos COMANDOS, que estão habituados a lutarcom homens e não com adolescentes.

Como o vento do deserto, o agrupamento Sirôco, flagelou o terrorismo por vasta área do Leste. Marco 25, Kassai, Lumeje, Cameia, Alto do Cuito...

Ao regressar à base, teve a satisfação de saber que a actividade operacional do inimigo decrescera bastante. Por outro lado, chegam informações de que os sobreviventes ou se deslocaram para a Zâmbia ou para lá enviaram estafetas pedindo novas instruções. Não foi um golpe mortal, todos os sabemos ... O inicio da época das chuvas, no Leste, onde já começaram, transformando as chanas em pântanos, vem d'minuir as possibilidades das nossas tropas continuarem a «limpeza.»

Para já, o M. P. L. A., no Leste sofreu um revés tão sério como quando foi levantada ponto por ponto, quartel por quartel, acampamento por acampamento, a «Rota Agostinho Neto».

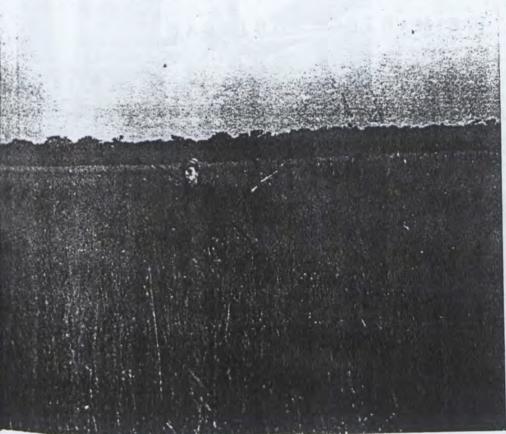
«Leão Veneno» foi o 14.º de um grupo de 26 que em 1963/964 frequentou nos países comunistas cursos de subversão e terrorismo. Foi o 14.º a morrer, evidentemente... Que pouco lhe serviu o seu curso de comissário político. De nada lhe serviu a arma novinha em folha que vinha estrear enquanto reorganizava as estruturas da subversão em parte do Distrito do Bié. Já dois dias antes ele e o seu grupo se tinham visto em sérias dificuldades para escaparem à emboscada que thes montou uma força de páraquedistas. Porém, o seu destino, já estava guardado no carregador da «G-3» de um comando. Não se sabe porquê, ninguém compreende este erro tão grave de quem já não era novo nestas coisas, apareceu sòzinho com dois guias, uma bússola e a sua Kalashnikov em área batida pelos COMANDOS. Entrou na zona da morte. Deram-lhe ordem para se render. Estava cercado. Voltou-se e abriu fogo instintivo. A sua última rajada, que limpou do cano o óleo protector, anti--corrosivo, lá posto, na fábrica, pelos camaradas soviéticos. No caderno de apontamentos, espécie de diário, que





traz a, escrevera horas antes o seu contentamento por lhe ter nascido o primeiro filho varão.

Chamava-se Justino Sinda Frederico Chitáli. Era natural do Bié. Regressava há pouco da Zâmbia, onde pertencia aos «altos comandos» do terrorismo, para levar a sublevação à terra onde nascera. Por isso, seu filho nunca o conhecerá ... Leão Veneno acabou.



As operações desencadeadas pelo Agrupamento Sirôco vieram demonstrar várias coisas e importantes. A principal será, sem dúvida, o partido que se pode obter de tropas instruídas e mentalizadas para acções de combate. A segunda, o facto de pouco mais de três centenas de homens dispondo de extraordinária mobilidade com P. C. pràticamente dentro da zona de operações terem conseguido com o apoio da F. A. P. e da D. G. S., obter resultados tão expressivos em tão pouco tempo. A terceira, mas não menos importante, o ter demonstrado, se tal ainda fosse necessário, o que se pode fazer no rasto de uma informação ainda «quente».

Desta cooperação COMANDOS-F. A. P.-D.G. S., desse espirito de equipa, resultou o êxito do Agrupamento Sirôco.

E assim se passaram os tempos em que os COMANDOS levaram a sua força, a sua audácia, para as chanas, ora alagadas, do Leste de Angola. Voltaram carregados de despojos, armas e munições e material de campanha, qua o inimigo substituirá. Então, eles terão que voltar e outros cheíes encontrarão uma campa, anchima, em qualquer parte... Até que todos possuam o conhecimento de que, realmente, não lhes vale a pena continuarem. Até que o Mundo saiba que não vale, realmente, a pena tentar conquistar Angola por «interposta pessoa»...

FERNANDO FARINHA

CASA AFRICANA

MERCEARIA, VINHOS E CEREAIS

VENDAS POR JUNTO E A RETALHO REPRESENTAÇÕES ESPECIALIDADE EM MERCEARIA FINA

A. J. Franca, Sucessores, Lda.

ARMAZÉNS DE MERCEARIA

Rua Direita de Luanda, 13-15-15 A Rua Pereira Forjaz, 57 a 63 Caixa Postal, 369 Telef. 22299 — Teleg.: RUTRA

LUANDA

SOLAR DOS FADISTAS

RESTAURANTE TÍPICO Fado em ambiente castig

ESMERADO SERVIÇO
DE RESTAURANTE

.Estrada da Conduta (junto aos restaurantes "MÃE PRETA" e "ESCONDIDINHO"

A. PIMENTA, LIMITADA

GUIMARÃES — PORTUGAL

FÁBRICAS E ARMAZÉNS DE LANIFÍCIOS E FIBRAS ARTIFICIAIS

RUA DE PAIO GALVÃO

TELEF. P. P. C. 40181 - 40182 (2 LINHAS)

Apartado n.º 20

Telegramas JOVAZ

DUNULL

FALA DE SI E DO CINEMA QUE FAZ



Uma cena de «Labirinto Infernal» (La Morians ce Jardin», o áltimo filme de Lui-Buñael

De uma ternura infinira soluma erueldade aparente, intransigente e compreensivo, honesto e fiel a si próprio, à sua arte, an eu ideal, aos seus amigos, é asim' Luís Buñuel, realizador cinematográfico de quem ainda há pouco tempo vimos em Luanda, as helos filmes «Tristana» e «A bela de dia».

Se Jean Vigo foi o Rimbauder cinema, então Buñnuel será o Leautraumont. Nascido em Espanha em 1900, parte muito jo-

vem para Paris em busca da liberdade. E é justamente em Paris que Buñuel inicia a sua carreira cinematográfica dando os primeiros passos como assistente de Jean Epsestein.

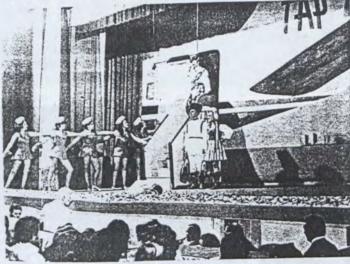
«Foi então que o surrealismo me revelou que o homem não pode dispensar o sentido moral» diz Bunuel. «Acreditava na liberdade total do homem mas vi, nasurrealismo, uma disciplina a seguir, e foi ele que me ensinou a dar o primeiro passo maravilhosos e poético, com "Un chien andalou» e "L'Age d'Or».

Após ter rompido com o surrealismo, Buñuel dirigiu «Terra sem pão», aliou-se aos republicanos espanhóis, conheceu um grande êxito em Hollywood e aceitou realizar filmes comerciais no México. Ainda no México e mais tarde em Madrid realizou uma série de obras-primas como «Subida al cielo», «Nazarin», «Viridiana», «O anjo exterminador».

«Fiz maus filmes, mas moralmente sempre dignos; e segui sempre os principais passos do surrealismo: a necessidade de comer não desculpa a prostituição da arte. Sou contra a moral convencional, os fantasmas tradicionais, o sentimentalismo...» E prosseguindo. Buñuel define assim a concepção que possui do cinema: Bastaria que a pálpebra do ecran reflectisse a luz que possui para que o universo saltasse. Todavia podemos ainda dormir tranquilamente porque a luz cinematográfica está seguramente doseada e acorrentada.» «O cinema é uma arma magnífica e perigosa, se for um espírito livre a manejá-la. É igualmente o melhor instrumento para exprimir o mundo dos sonhos, das emoções, do instinto. Parece ter sido inventado para exprimir a vida do subconsciente cujas raizes penetram tão profundamente na poesia. Não se pense contudo que eu sou pe lo cinema exclusivamente consagrado ao mistério e ao fantásti-

l'eço ao cinema que seja o tesemunho, o ajustar de contas do mundo, que diga tudo o que é importante na realidade. A reali dade é múltipla e pode ter diversos significados, para diversas pessoas. Quero ter uma visão integral darealidade: e quero entrar no mundo maravilhoso do desconhecido. O drama privado do indivíduo não pode, penso eu, interessar a ninguém digno de viver o nosso tempo. Se o espectador partilha as alegrias, as tris ezas. as angústias do personagem do écran, é porque vê nisco o reflexo das alegrias, das tristezas de toda uma sociedade; por consequência, as suas próprias».

TEATRO EM LUANDA



Um dos números de maior agrado da revista actualmente em cenu no "Nacional", "Oh Menina ... Olha a Vacina! ». cujo texto é da autoria de Luis Mendes, Américo Rebordão Correia e Brazão Gil, sendo Jaime Mende e Casal Ribeiro os autores da mit sica. Tipicamente à-velha portuguesa, renovada aqui e além por achados de graça e humor de sa bor local, este espectáculo possui uma bea mentagem, constituindo por isso duas horas de interessante entretenimento que é ao fim e ao cabo o objectivo dos auto-



Vera Mónica e Vasco Morga do, Jr. contracenando na peça «Só as Borboletas são Livres», exemplo de teatro alienante em cena no Avenida.



DE KYALAMI A

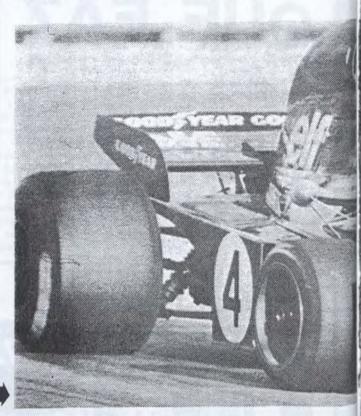
Já é por demais conhecido o que aconteceu em Kyalami aquando do Grande Prémio da África do Sul, terceiro da actual temporada e precisamente anterior ao Grande Prémio

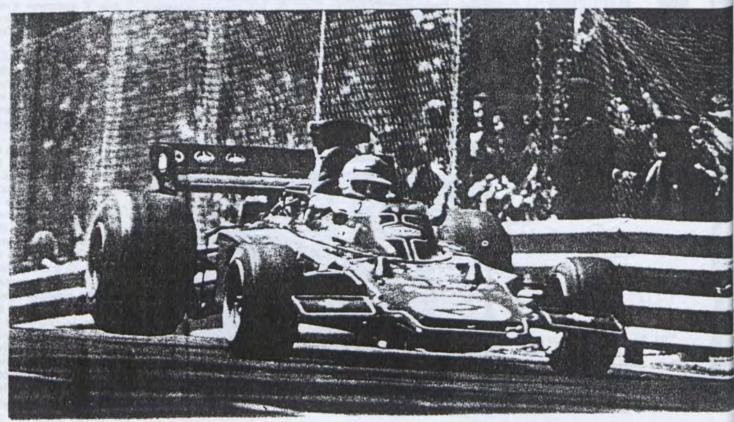
de Espanha que se realizou em Montjuich.

Emerson Fittipaldi que havia ganho nos anteriores Grandes Prémios de Buenos Aires e Brasil teve desta vez que ceder à extraordinária actuação de Jackie Stewart que durante os treinos soíreu um gravíssimo acidente quando o seu TYR-REL-FORD marcava 300 Km/h e se despistou numa curva. Stewart tentou em vão reduzir a velocidade mas a máquina saltou a bareira de protecção e parou de encontro a um talude. O piloto saiu do seu veículo desfeito, pelos seus próprios meios e manifestou pouco depois: «Falharam os travões, foi este o acidente que sofri a maior velocidade».

Nada parecia afectá-lo já que minutos mais tarde entrou para o carro do seu companheiro de equipa François Cévert e continuou os treinos em muito bom ritmo mas não logrou colocar-se entre os primeiros na grelha de partida.

O NOVO UOP SHADOW DE GEORGE FOLLMER QUE AN-DOU DURANTE ALGUM TEM-PO EM SEGUNDO LUGAR NO GRANDE PRÉMIO DE ESPANHA





INTJUICH



Stewart realizou no dia seguinte uma extraordinária corrida que dominou do princípio ao fim tendo ganho assim o seu primeiro Grande Prémio esta temporada.

Emmerson Fittipaldi na escala que fez em Madrid quando viajava para o Rio disse: «Julgo sinceramente que Jackie Stewart é muito melhor do que eu. A sua experiência e a

sua classe superam a minha».

Interrogado ainda por um redactor da agência ALFIL sobre o G. P. de Espanha respondeu: «Este ano correrei o G. P. em Montjuich com o mesmo carro do ano passado que sofreu pequenas modificações técnicas. Para o G. P. de Mónaco utilizarei um outro protótipo e espero andar um pouco mais. Quanto ao circuito disse ainda: «Não é suficiente um carro rápido. O piloto desempenha aqui papel preponderante pois é necessário ganhar décimos de segundo em cada curva para acabar primeiro».

Mas Emmerson Fittipaldi apesar do pouco favoritismo que o rodeava à partida do G. P. de Espanha chegou outra vez em primeiro, ganhando novamente assinalável diferença

na liderança do Mundial de Condutores.

Jackie Stewart que até aqui estava a escassos três pontos de Emmerson, terá de proceder a nova recuperação que



FRANÇOIS CÉVERT, CUJO TYR REL-FORD FOI UTILIZADO POR JACKIE STEWART DURANTE OS TREINOS

lhe poderá ser facilitada com a passagem ao activo dos novos JONH PLAYER SPECIAL.

A pontuação a atribuir no final de cada G. P. é de 9, 6, 4, 3, 2 e 1 pontos para os seis primeiros classificados que têm obrigatôriamente de cumprir nove décimos da distância percorrida pelo primeiro colocado.

CARLOS REUTMANN QUE CHE-GOU A TER O SEU BRABHAM BT 42 A DOIS SEGUNDOS DE EMMERSON



FITTIPALDI VOANDO BAIXO. COM O SEU LOTUS, EM MOÑTJUICH

SEARA POR CULTIVAR

Rebelo Carvalheira



Página 22

Desporto de Angola em hora é previsão é uma questão que adquir actualidade e interesse: estaremos at te uma situação de melhoria ou d crise?

Dirigente de cúpula, com larga it fluência no «modus vivendi» do noss fenómeno desportivo. escurou-se, si manas atrás, ao muro do comodismo satisfez-se — a si e não a nós!» — n habilidade da resposta: «Desporto d'Angola sofre, neste momento, de cris de crescimento...»

A solução encontrada convida, de de logo, a nova interrogação: onde co meça a crise e onde acenta o crescimento: ou no inverso, se der mais jeito.

Mas isto é um jogo de palavras, qui se pouco esclarece, muito menos ajud a melhorar a situação, que não é br lhante podem crer ...

E eu explico já o motivo das minha reservas quando duvido de que esteja mos perante uma crise de crescimento — que do mal ainda seria o menos ...

Peguemos, por exemplo, nos exemplos do futebol e do hoquei. Fala-se em «explosões», mas tenta-se ignorar o lado verdadeiro da moeda, exibindo os favores que o público está dedicando aquelas modalidades, esquecendo-se, prepositadamente, o foco que os alimenta: hoquistas de Moçambique e futebolistas (mediocres) da Metrópole abastecem o mercado, enchem as bancadas, satisfazendo perfeitamente os espectadores pagantes e, simultâneamente, os que, estribados às suas ideias do «Desporto para Desportistas», condenam a famigerada alienação das massis...

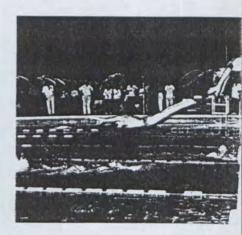
Aqui está, pois e com primária facilidade, localizado já um dos «virus» da crise, que nem é de crescimento, por-



que ela se apoia na falta de bons pra ticantes (locais).

E a falta de bons atletas deixa, des de logo, perceber falha de fomento iniciação; e, no caso particular do fu tebol, nem a «exportação» para a Me trópole denota força suficiente para contrariar esta conclusão — é que exodo é significativamente regres sivo...

A natação e o atletismo (aqui com extraordinário campo de acção para uma imposição absoluta!) debatem-se ano após ano, numa luta de melhoric que não anima nem estimula. Fica-nos pois, o basquetebol e toda a juventuda que o encanta, capaz de assegurar me



lhores dias, que a vela é saudade de tempo e do terreno perdido e na ginás tica somos cada vez menos...

Não é, pois, fácil debitar ao «pavi lhão que falta» as insuficiências qu reinam e as suspeitas que vingam ...

Não está, antes, faltando o cresci mento para haver crise de crescimento. Que é como quem diz, iniciação e fo mento, a realidade que se não vislum





trabalhamos no presente a escala do futuro

UMA TRADIÇÃO PELA QUALIDADE

Dando continuidade à publicidade das circulares elaboradas na Secção de Acção Psicológica e que são normalmente distribuídas pelos instruendos, apresentamos uma cujo teor se aplica mesmo àqueles que, já fora do tempo de treinamento, possibilitam que a tradição honrosa dos Comandos permaneça intocável como verdadeiros homens de guerra.

CAMARADA:

O Homem face à função é sempre uma incógnita. A ccmplex dade da sua natureza física e psiquica tem implicações decisivas no seu comportamento. Tanto lhe pode facilitar a acção como negativá-la. Esta verdade surge sempre que o homem frequenta uma situação que lhe seja inte ramente inéd ta e para a qual não tenha qua que preparação. è um facto irreprimivel e decisivo, pois, que ele tanto pode agir favoràvelmente, como orientar a sua del beração no sentido menos vantajosc. Há uma consequente necessidade, portanto, de contrapor a esta opção de do s verdadeiros gumes, uma atitude firme e consciente. Tal posição quer somática, quer psíquica, só é viável através de um tre namento global objectivando o à-vontade para. uma situação pré-concebida.

Militarmente, também é ass'm! Submete-se o homem, não a uma lavagem cerebral, mas a uma capacitação geral do seu «ego» para fazer face a uma situação cuja definição idealista e prática ele deve conhecer. Prepara-se o Homem para a Guerra, fundamenta mente. E isto representa uma d'ficu!dade. Porque se por um lado ele é estimulado pela obrigação moral da defesa da uma causa, por outro é-lhe intrinseco o instinto de prescrvação pessoal. São do s factores inabaláve s cuja conjugação é necessária e que funciona como condição suficiente para o Homem se libertar dos est gmas da incerteza e procurar livremente uma QUALIDADE.

Não é possível ao mentalizador a consecução dos propósitos sem a co:aboração consciente e inteligente dos mentalizados. Eis porque a eles nada se exige, mas tudo se pede; nada se obriga, mas tudo se propõe; tudo se oferece, esperando receber uma compensação! Porque a guerra é a HORA DA VERDA-DE, a discussão da obrigação de a fazer deve ser implicita à atitude do HO-MEM que para ela va: incumbido de defender a PAZ. E porque a guerra é a hora da verdade, quando tal d'scussão é ultrapassada, põem-se os prob'emas práticos do exercício bélico, esses que levam o HOMEM A PENSAR no enquadramento das suas reacções natura s e das demais condicionadas peio treinamento, face a uma situação de vida ou de morte. Parte-se do princípio da existência da explicação cônscia dos motivos da guerra. Que se pede, portanto? Ponderação para at ngir uma QUALI-

Quando esta è conseguida, o medo das situações d'ficeis sentindo inicial-DADE. mente, perece ridículo. Eis porque o Curso de COMANDOS tem implicações maçadoras e até certo ponto — inexplicáveis. Mas no fim, tudo joga a favor da consciencialização e preparação global. Da sobrevivência e da vitória! Só, realmente, porque nos COMANDOS damos demasiado valor à vida humana, não nos permitimos seguir caminhos fáceis e levianos. De cada um pretendemos fazer HOMEM CAPAZ que para nós significa: COERENTE, APTO, SUPERIOR, ELO-QUENTE NA GUERRA, TRANQUILIZA-DOR NA PAZ!

FAZENDA CUERAMA SARL Pecuária

Caixa Postal,1378.LUANDA



AGÊNCIA DE VIAGENS UNIÃO União Imobiliária e Comercial SARL

Unimol

. Xudreões internacionais de turismo « excursões em angola em carros e autocarros privativos, carros de aluguer Em condutor « correspondentes em todo o mundo, seguros, saparis potográpicos de caca e pescà.

AV. -PAULO DIAS DE NOVAIS, 83 - P. O. BOX / C. P. 8534 - TELEG. CUMMOBI> - TELEFONE: 72131-72467-72952 - TELEX-3174 UNIMOBI-AN - LUANDA-ANGOLA







DE



PARA TODO O



DE TODO O



PARA



ATERRÍVEL JUVENTUDE

In "MANCHETE"

"O jovem
é o velho; o velho
é o jovem. O jovem
é o passado
do velho e este
é o futuro que
o jovem encara
com horror,
o futuro que terá
de evitar"

juventude è estranha porque é a velhice do mundo passada indefinidamente a limpo. Uma geração lega à outra um magma de erros e sabedoria, de vícios e virtudes, de esperanças e desencantos. O jovem é o mais velho exemplar da humanidade. Pesa-lhe a herança dos conhecimentos acumulados; pesa-lhe o desafio do que não foi conquistado; a inadequação entre o idealismo e o egoísmo; pesa-lhe o inconsciente da raça, que é uma sessão espírita permanente, através da qual cada homem se comunica com os

NO encontro de duas gerações, a que murcha e a floresce, há uma irrisão dramática, um momento de culpas, apreensões, incertezas. As duas figuras se contemplam. O jovem é o velho; o velho é o jovem. O jovem é o passado do velho e este é o futuro que o jovem encara com horror, o ruturo que terá de evitar. Assim, o instante desse encontro é um espelho cujas imagens o tempo deforma, sem que se desfaça, para o moço e para o velho, a sinistra impressão de que as duas figuras são uma coisa só, um homem só, uma tragédia só, significando instinto de prazer, humilhação da limitada inteligência, entorpecimento da ação. decomposição e morte.

poeta Percy Bysshe Shelley pode ser o padrão do adolescente de todas as épocas, do adolescente que os outros comentam. Nasceu em familia respeitável e rica, foi bonito, sincero, revoltado, idealista, violento, amoroso, amígo, apaixonado pela vida e fascinado pela morte, inteligente, confuso, e, sobretudo, de uma sensibilidade crispada.

A vida do poeta estava balizada, cartografada, desde o nascimento; mas, intransigente com uma sociedade que lhe prometia o conforto e a glória, Shelley inverte as etapas do itinerário. Em Eton, mais interessado pela química e pela eletricidade do que pelo esporte, é chamado de maluco. Em Oxford, insiste em não aceitar a opinião de ninguém, redige uma necessidade do ateísmo e é expulso da universidade. Casa-se aos 19 anos com Harriet, uma jovem de 16, e começa uma existência errante, atormentada pelos ressentimentos familiares e sociais. Enquanto a mulher espera o segundo filho, foge com outra moça. Convida a primeira mulher para viver com ele e a outra, mas Harriet se mata.

Shelley não é um monstro: seus atos são a consequência lógica de suas idéias, da lealdade as suas crenças; sentimentalmente, é de uma delicadeza fora de série. E enquanto escreve versos musicais, fecundados de amor cósmico, esperança e idealismo social, atira-se feroz contra o conformismo do clero, contra a monarquia, contra as leis vigentes, contra o farisaísmo universal.

Amava o mar, os barcos, o perigo, e morre em naufrágio aos 30 anos. Foi um gênio, mas o fogo adolescente que trazia era tão intenso, que não conheceu a maturidade. E a frase de Matthew Arnold sobre Shellev pode servir de alegoria a qualquer adolescente: "Um anjo ineficaz a bater suas asas no vazio."

UANDO acaba a adolescência e começa a juventude? Tecnicamente, a adolescência acaba quando se pára de crescer. Psiquicamente, a juventude começa na fase mais alta da adolescência. Esses limites se tornam mais imprecisos em nosso tempo: jovem é aquele que, bem ou mal, pensa por si proprio. Um psicólogo americano escreve: "O rapaz ou a moça dirige-se para o quarto, tranca a porta e permanece lá durante quatro ou cinco anos. De detrás da porta chegam horríveis ruidos, choques, lamentos de desespero, uivos de desafio, gemidos abatados. Mas ninguém pode entrar. Um dia a porta se abre e dela irrompe uma jovem mulher ou um homem. A adolescência acabou."

supremacia da comunica A ção visual é um dado ine vitável para o entendimento de psicologia coletiva de nosso tempo. Depois da fotografia di revista de grande tiragem, do cinema, da televisão, acabamo todos condicionados à imagen física do próximo, à aparênci do próximo. As chamadas vir tudes morais desceram ao po rão. Inteligência, saber e perso nalidade só valem, um pouco quando podem servir de título legenda a uma figura atraente O charme de um penteado po de abrir caminho a uma carrei ra política; o busto perfeito po de criar uma cantora; um pa de pernas faz uma atriz dramá tica; dois olhos verdes poden favorecer uma reputação artisti

Vivemos o fastigio das cores das formas humanas. As gera ções novas sofrem ostensivamen te dessa conversão plástica do: outros valores. O corpo ocup: todo o trono: o interesse pela força vital não vai além das ra magens altas do encanto pes soal. Mas não é apenas em relação ao próximo que o jovem se desliga da verdade humana ele acaba por desligar-se de s mesmo, estancando a todo custo suas mais profundas manifesta ções de humanidade. E quando apesar de tudo, as camadas pro fundas da personalidade jorram na superfície, sem o hábito da terminologia adequada, o jovem simplifica a complexidade de seu estado espiritual em meia dúzia de expressões: está adoidado. está na fossa... naquela de horror... está ga mado.

Outro resultado do culto cor poral é agravar uma tendência natural do jovem eterno: o narcisismo. A juventude da classi média é tão perfeita fisicamente que rão pode querer amar: quer inspirar admiração, veneração, amor. Quando o amor, apesar de tudo, força passagem é um tropeço na passarela.

CUMU VAMUS DE DRUGAS?

Reportagem da

Enciclopédia "ABRIL"

Em farmacologia*, drogas são consideradas substâncias puras ou misturas de substâncias, de origem variada, que produzem alterações somáticas ou funcionais nos organismos vivos. Quando provoca efeitos benéficos, a droga é chamada fármaco; quando os efeitos são nocivos, ela é denominada tóxico.

Para exercer ação farmacológica, a droga deve necessàriamente ser absorvida pela célula. Essa absorção depende de vários fatôres, tais como o tamanho, a forma e a estereoquímica da molécula, além da disposição dos grupos químicos, tanto da droga (chamados grupos farmacodinámicos) como do receptor (conhecidos como grupos receptores).

As drogas não criam funções, mas apenas as despertam ou modificam. Assim, a adrenalina estimula determinadas estruturas nervosas, provocando, entre outros efeitos, taquicardia e dilatação dos brônquios. Certos tipos de efeitos recebem denominações específicas, como depressão, excitação e irritação. A depressão pode manifestar-se por inibição ou paralisia; a excitação significa a exacerbação de uma função; e a irritação exprime o resultado de um estímulo inespecífico que atua sôbre as células vivas.

A ação das drogas

Algumas drogas têm atuação praticamente mecânica, enquanto outras manifestam-se física ou quimicamente. Dêsse modo, drogas de constituição química semelhante possuem geralmente atividade farmacodinâmica semelhante.

PROCESSO FISICO — O revestimento de proteção do corpo é basicamente formado por substâncias quimicamente indiferentes; elas atenuam ou impedem irritações quando são aplicadas drogas em forma de pó ou colóides que, ao solidificarse, formam tênue película protetora da pele. Essas drogas podem ser também pastas ou líquidos, êstes mais indicados para evitar ressecamento generalizado da epiderme.

Há casos especiais de certas drogas que agem diretamente nas células. Assim, a dextrana — polissacarideo utilizado como substituto do plasma — pode produzir cianose*, ao formar uma película em tôrno das hemácias, prejudicando a troca de gases.

A solubilidade de uma droga em diferentes líquidos é uma propriedade decisiva da sua eficácia. Uma substância que seja mais lipossolúvel (que se dissolve nas gorduras) do que hidrossolúvel (que se dissolve na água) apresenta maior afinidade pelos tecidos gordurosos.

PROCESSO FISICO-QUÍMICO — Adsorção é o fenômeno no qual certas substâncias retêm outras em sua superfície. Assim, o carvão animal ou vegetal, finamente. pulverizado e na forma ativada, pode ser usado como



A atuação da droga no organismo varia conforme o indivíduo e a dose.

adsorvente a fim de impedir a absorção de tóxicos ingeridos, como por exemplo a estricnina.

Na terapêutica, as resinas sintéticas também são usadas, sobretudo as resinas aniônicas, que são fixadoras de radicais ácidos, e as catiônicas, que são fixadoras de íons básicos.

PROCESSO QUÍMICO — Um dos exemplos mais comuns da ação química das drogas é fornecido pelos adstringentes. Estes provocam precipitação de proteínas nos tecidos. Outro exemplo é o do monóxido de carbono, que se combina de maneira estável com a hemoglobina do sangue, impedindo-a de realizar o transporte de oxigênio e gás carbônico.

Influências na ação das drogas

Os efeitos das drogas não dependem exclusivamente da sua natureza química, mas de muitos outros fatóres. Estes podem ser divididos, básicamente, em três grupos, relacionados com o ambiente em que a droga é consumida; com as substâncias que a compõem e a forma como são utilizadas; e com as características do organismo que a absorve.

No ambiente, a luz é um fator importante, que pode influir bastante na ação da droga: da exposição a essa radiação, podem resultar, por exemplo, fenômenos do tipo alérgico em indivíduos que tenham

consumido uma substância fotossensibilizante, bem como o amarelecimento da pele de pessoas sob tratamento de mepacrina (substância antimalárica). O ruído, embora de
maneira discreta, também pode modificar a ação das drogas, provocando, por exemplo, convulsões em
individuos intoxicados com estricnina, ou dificultando a instalação do
sono induzido por substâncias hipnóticas.

Considerando-se que entre as drogas e as substâncias celulares ocorrem reações químicas, e como as reações químicas podem ser endo-térmicas (absorvem calor) ou exo-térmicas (desprendem calor), é de se esperar que com um abaixamento ou uma elevação da temperatura, o efeito de determinadas drogas no organismo humano pode ser acelerado ou retardado. Apesar de a temperatura ambiente não exercer nenhuma influência sôbre as drogas, um animal homeotermo (que mantém constante a temperatura do corpo) intoxicado com estricnina costuma ter convulsões no frio.

Outros fatôres ambientais que influem na ação das drogas são a umidade e o eventual agrupamento dos indivíduos. Para que o propileno-glicol possa realizar a desinfecção da atmosfera, por exemplo, a umidade do ar é muito importante; ela também é necessária, em grau elevado, para que o sapo apresente sensibilidade à adrenalina.

Para que produzam seus efeitos

característicos, as drogas deve apresentar as concentrações adequas nos locais em que atuam. El bora isso dependa diretamente quantidade administrada, da exte são e da velocidade de sua abseção, influem também a dist buição, a ligação e a localizaçãos tecidos.

O periodo de tempo entre a a ministração da droga e o início seus efeitos depende tanto da for como ela foi aplicada como da v locidade de absorção e penetraç da substância. Já a duração do esto é determinada, em grande par pela resultante de três fatôres: velocidade de inativação e elimin ção, a capacidade de redistribuiç para outros tecidos e o grau a acumulação alcançado. Além disa a ação da droga também varia e função do estado físico do consmidor.

A difusibilidade também é um fi tor importante. O sulfato de sódis por exemplo, é usado como pursi tivo, uma vez que o íon sulfato pouco difusível, ficando no lúme intestinal, onde exerce uma pressi osmótica que aumenta o conteúd aquoso do intestino.

Como as drogas não agem di mesma maneira em todos os organismos, elas podem chegar a apresentar, conforme a espécie anima que as consuma, variações bastanti acentuadas. A morfina, por exemplo, funciona como sedativo para o homem e o cão, mas constitui um poderoso estimulante para o gato o o cavalo.

Existem certas condições especials do organismo que podem alterar os efeitos das drogas: a fadiga, pol exemplo, torna o músculo estriado muito mais sensível à ação do curare*; estados de inanição e desidratação também tornam o individuo mais receptivo aos efeitos das drogas; da mesma forma, a deficiência de proteínas predispõe ao aparecimento da intoxicação hepática com clorofórmio e tetracloreto de carbono.

Quando um indivíduo desenvolve certa resistência à ação de uma droga, trata-se do chamado fenômeno de tolerância (a intolerância designa o caso de indivíduos que apresentam hipersensibilidade ou reações anômalas ao uso de determinados anedicamentos). Em geral, a tolerância diz respeito apenas ao tamanho da dose ingerida, não significando, necessàriamente, que a pessoa seja refratária a todos os efeitos da droga.

Essa reação pode ser congênita ou adquirida. Na primeira categoria, a tolerância manifesta-se desde a primeira aplicação, podendo, em alguns casos, ser típica de uma especie: o coelho, por exemplo, é resistente à ação da atropina. Quando adquirida, ela provém do uso contínuo de uma determinada droga, tornando-se necessário um aumento progressivo da dose consumida, a fim de que esta consiga surtir efeito.

Como os tipos de dependência são bastante variados, sua incidência nem sempre implica dificuldade de suspensão do consumo da droga-

Página 28



Geralmente, as drogas são administradas em cápsulas ou drágeas. Podem também ser em pastas ou líquidos.

O uso de aspirina ou de alguns' antibióticos, por exemplo, pode ser facilmente interrompido; mas em alguns casos a retirada da substância ocasiona vários sintomas, alguns graves, que constituem a chamada crise da abstinência. O tempo de uso e a natureza da droga interferem bastante no grau de dependência, que poderá ser classificada como hábito, vicio ou toxicomania*, estágios de uma escala ascendente cujas fronteiras são de difícil delimitação.

As crises de abstinência também variam conforme o tipo de droga ingerida: no caso da morfina*, por exemplo, aparecem sintomas físicos, como dores musculares e articulares, diarréia* e sudorese intensas, desidratação* e fraqueza, além de sintomas psiquicos como delírio, alucinação e confusão mental.

Existe também a chamada tolerância cruzada (congênita ou adquirida), pela qual a vítima, além de ser tolerante a uma droga, também o é em relação a outra que tenha efeitos próximos. É o caso dos alcoólatras que, após desenvolverem a tolerância ao álcool, adquirem-na com relação a todos os anestésicos.

A dose

Denomina-se dose a quantidade de droga administrada ao organismo de uma só vez ou fracionadamente. De modo geral, quanto maior fôr a dose, mais intensos deverão ser os efeitos. Mas essa relação depende de alguns fatôres.

O aumento da dose eleva o efeito apenas até um certo limite, pois, atingido o máximo de resposta orgânica, qualquer administração adicional não alterará essa resposta. Além disso, o efeito de uma mesma dose está em relação inversa com o pêso corporal. Essa regra não é contudo absoluta, pois a presença de maior ou menor quantidade de tecido gorduroso, de teor aquoso, etc., altera a ação da droga. Se administrada em igual proporção por quilo, uma mesma droga provocara efeitos desiguais em diferentes pessoas. Haverá resultados extremos, muito leves ou muito intensos, numa pequena porcentagem da população; na maioria, os efeitos serão semelhantes.

Ainda que a atividade de uma droga varie de acôrdo com o indivíduo e com a dose, é possível defini-la com certa precisão. O critério adotado para a definição é calcular a dose capaz de atuar em 50% da população considerada. O indice terapeutico (IT) ou margem de segurança é fornecido pela relação en-tre a dose que é letal a 50% da população (DL) e a dose eficiente a 50% (DE). Essa relação indica o afastamento entre a curva de eficiência e a curva de letalidade de uma droga e, consequentemente, o seu aproveitamento terapêutico. Na medida em que a relação DL/DE se torna maior que um, mais segura é a droga.

Duas drogas, ministradas ao mesmè tempo a um paciente, podem influenciar-se reciprocamente ou não. Quando agem isoladamente, o fenômeno é denominado indiferentismo farmacológico. É o caso do hidróxido de alumínio, indicado para combater a hiperacidez gástrica, e de uma injeção de penicilina, que funciona como antibiótico.

Quando há interação entre duas drogas, o efeito pode ser aumentado (sinergismo) ou diminuído (antagonismo). Além disso, pode ocorrer inversão de efeitos.

SINERGISMO — Produz-se sinergismo por adição quando duas
drogas, geralmente atuantes sôbre a
mesma estrutura, acarretam o aparecimento de um efeito igual à soma dos efeitos isolados; é o caso
do éter e do clorofórmio, quando
administrados simultâneamente.

No sinergismo por potenciação,

A Indústria farmacêutica supre o mercado com as mais variadas drogas.

o resultado é maior que a soma dos efeitos isolados. Não é necessário que a droga potenciante tenha efeitos semelhantes à potenciada. A acetilcolina, por exemplo, é potencializada pelas drogas anticolinesterásicas.

Existe ainda o pseudo-sinergismo, que ocorre quando duas drogas administradas reagem entre si e originam uma terceira droga, muito mais potente em têrmos farmacológicos. A amigdalina (glicosídeo extraído de amêndoas amargas), quando administrada junto com a emulsina, desdobra-se e libera ácido cianídrico, letal para o animal.

ANTAGONISMO — No antagonismo químico, a inibição de uma droga é provocada pela reação com outra. Por exemplo, o iôdo pode ocasionar no estômago a precipitação de alcalóides tóxicos que tenham sido ingeridos.

Mas o antagonismo pode ser puramente físico: o carvão, por exemplo, adsorve a estricnina, impedindo que ela seja assimilada pelo organismo.

O antagonismo farmacológico está presente quando duas drogas agem sóbre a mesma estrutura desencadeando efeitos contrários. A adrenalina, por exemplo, é capaz de antagonizar a vasodilatação ocasionada pela acetilcolina.

Os casos mais comuns de anta gonismo, porém, são os de compe tição, que surgem quando a ação de certa substância (antagonista interfere no mecanismo de ação do uma droga, por apresentarem estru turas químicas semelhantes.

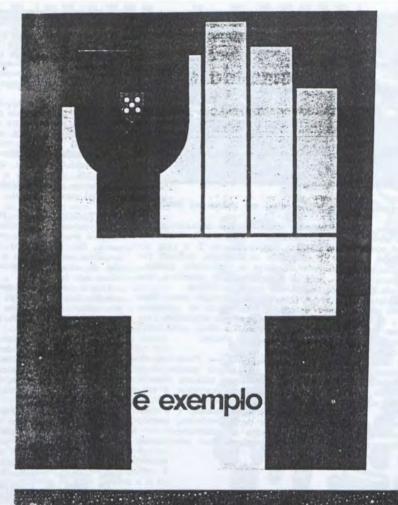
Os casos de antagonismo que ocorrem antes da adsorção da dro ga (carvão e estricnina, por exem plo) são considerados como pseudo-antagonismo, uma vez que as dro gas, não sendo absorvidas pelo or ganismo, não poderiam exercer sua ações características.

O antagonismo não deve ser con fundido com o antidotismo. Este o conjunto de cuidados, ou mesmo drogas, utilizados no combate ac envenenamento produzido por tóxi co. Na maioria dos casos, os antidotos são antagonistas dos venenos mas essa relação não é obrigatória A apomorfina, por exemplo, é usa da apenas para produzir vômitos e obter dessa forma a expulsão de un veneno ingerido.

INVERSÃO — A adrenalina agsôbre o sistema circulatório, aumen tando a pressão sanguínea. Essefeito é invertido pelos bloqueado res adrenérgicos.

Também a acetilcolina tem seu efeitos pressores invertidos pela ac ministração de drogas simpatolíticas. Entretanto, através da aplica pina ou anti-histamínicos, sua açã característica volta a ocorrer. A anulação de uma atividade inverso ra por efeito de outras drogas é muitas vêzes, chamada de não inversão.

COMO VAMOS DE DROGAS?





nos comandos so ha seleccionados

O COMANDO Vence os obstaculos

DO MUNDO

com texto e fotos da "MANCHETE"



Nascida homem, Meilin Gay submeteu-se a uma operação para virar mulher e os resultados foram tão perfeitos que ela acabou representando Hong-Kong, no recente concurso de Miss Mundo. Só agora isso foi descoberto. Meilin nem foi classificada, mas, se o concurso fosse de Mr. Mundo, ela seria uma barbada.



Preocupado com a poluição, chateado com o tráfego, este pai russo decidiu meter o filho no trenó e ir passear no parque. Não se trata, entretanto, de uma forma de protesto ou qualquer sintoma de desvio para o individualismo burguês; é uma simples curtição da neve. Atentem, agora, para os casacos que os dois estão usando. Trata-se de típica manifestação da moda russa masculina no gênero.





O garotinho

resolveu dar uma espiada sob a capa do Arcebispo Timothy Manning, de Los Angeles. Isto é que é curiosidade. Não sabemos o que ele descobriu, nem lhe foi perguntado. O fato é que, entre as resoluções de Ano Novo do arcebispo, está a de pendurar a batina e adotar o clergyman.





Os principes de Metternich e Merod enviaram a taça de Campeão do Mundo de 72 a Emerson Fittipaldi, que a recebeu acompanhado da esposa, Maria Helena. A solenidade estiveram presentes, numa demonstração de espírito esportivo, alguns dos craques que comeram a poeira de Fittipaldi: Jean-Pierre Beltoise, Jacky Ickx, Jackie Stewart. Como perdedor não tem vez. eles toram cortados da foto.



"Mostre a coxa, pense em Martine Carol" — gritava, em plena excitação artistica, Bernardo Bertolucci para Maria Schneider, na preparação de um take de Le Demier Tango à Paris. O diretor de O Conformista, comenta-se, ficou tão maravilhado com a pose de Schneider que esqueceu sua sandália em cena. "Azar" — teria dito ele. "Agora que está, fica."

Ser Jovem...

A juventude não é um período de vida, é um estado da alma, um efeito da vontade, uma qualidade da imaginação, uma intenção emotiva, uma vitória da camaradagem sobre a timidez, do gosto da aventura sobre o amor do conforto.

Não é velho aquele que viveu um certo número de anos, mas é velho o que abandonou o seu ideal

Os anos enrugam a pele mas o renunciador ao ideal enruga a alma.

As preocupações, as dúvidas, os temores e os desesperos são os inimigos que lentamente nos fazem inclinar para a terra e tornar-nos poeira antes de morrer.

Jovem é aquele que se admira e se maravilha.

Pede como criança insaciável e depois desafía os factos e acha alegria no jogo da vida.

Tu és tão novo como a tua fé.

Tão velho como as tuas dúvidas.

Tão novo como a tua confiança em ti próprio; tão novo como a tua esperança. Tão velho como a tua fraqueza.

Serás novo enquanto sentires o que é belo, bom e grande; sentires as mensagens da natureza, do homem e do infinito.

Se um dia o nosso coração for mordido pelo pessimismo e roído pelo cinismo. Deus tenha então piedade da nossa alma de velhos.

(Mac Arthur aos alunos da Academia Militar de West Point)